

Dos Fios da Navalha aos Finos Anéis da Sensibilidade

A mudança dos níveis de consciência que atravessamos neste momento é uma consequência da desmontagem do obsoleto na atual civilização. Sándor anunciava isto pouco antes de seu falecimento e sugeria que ficássemos atentos e atentas para sintonizar com as "Novas Forças" que estão chegando. Este artigo reflete sobre as transformações atuais em relação à prática da Calatonia, apresenta algumas auto-observações e narra um caso clínico, com o objetivo de tecer considerações sobre a intersubjetividade que caracteriza o método calatônico.

“
Se ao encontrar
uma pessoa
eu censurar
suas fraquezas,
privar-me-ei de
força cognitiva
superior.
”

Ao sentar para começar a escrever sobre a minha experiência com Sándor e a Calatonia, em 1997, ouvi uma pergunta: “Podemos trocar o fio da navalha pelo suave tocar dos finos anéis da sensibilidade?”

Era Sándor que me instigava? Não sei dizer. Parei para pensar no fio da navalha. É um símbolo do estado de alerta, da pessoa tensa, estressada com os músculos do abdome contraídos de preocupação. Como se fosse ser cortada em dois a qualquer momento. Imaginei meus pés tentando pisar no fio de uma navalha, que não dá para agüentar sem que o ser inteiro a rejeite.

O fio da navalha é um estado mental acelerado, um duelo de vida e morte dentro da gente, competindo pela melhor idéia, criticando continuamente, deixando o peito sem fôlego e a testa rígida, os dentes cerrados na espionagem interna para detectar onde está o erro. Uma atitude cortando a linha do certo/errado na letra da lei (dos homens). Sem perdão.

Quem assim convive consigo e com os outros perde a porta do abrigo, desconhece a paz. Destrói, sem criar o novo. Começa brigas sem preparar-se para o abraço da conciliação. A alma se perde no labirinto das exigências insaciáveis do intelecto que, incapaz de compaixão, mitifica o racionalismo pseudo-científico. Ou qualquer outro símbolo de poder.

Rudolf Steiner, (1961–1925) o eclético fundador da Antroposofia, reflete em seu trabalho sobre o conhecimento superior, que a nossa civilização tende excessivamente à crítica e aos julgamentos. Ele preconiza a educação fundamentada ética e estoicamente para superar-se à supremacia dos intelectualismos. Steiner, que foi um dos autores que influenciaram na formação do Dr. Pethö Sándor na juventude, avisa que a Alemanha iria sofrer as conseqüências de uma ideologia sem devoção, nem veneração de valores humanos espirituais.

Escrito originalmente na forma de artigos publicados a partir de 1904, esse texto de Steiner foi editado como livro, em 1909, e publicado em português, em 2002. Ele revela que o ser humano pode refazer sua ligação com as origens transcendentais, afastadas de sua educação por séculos de civilização materialista.

“Se ao encontrar uma pessoa eu censurar suas fraquezas, privar-me-ei de força cognitiva superior. Se tentar, com carinho, aprofundar-me em suas boas qualidades, estarei acumulando tal força” (2002, p.19). Complementando, Steiner afirma que se preenchermos a consciência com pensamentos de admiração e respeito pela vida, elevaremos repetidamente o contato com níveis superiores de conhecimento. Isso significaria atingir níveis supra-sensoriais de consciência, além da mente concreta.

O que vivenciamos interiormente com a Calatonia é a chave para vibrar com o Belo e o Bom. Aprendi com Sándor que o olhar compõe a beleza do viver. Enquanto uma pessoa maldiz um problema e aterroriza-se, uma outra pode abrir-se ao grande processo das transformações cíclicas e ver a pedra em seu caminho como um trampolim para renovações.

Sai Baba, o avatar da Índia que propõe a transformação pacífica da nossa civilização, prevê que até os ignorantes podem tomar-se homens sábios através de programas educacionais centrados nos valores da Verdade, Ação correta, Paz, Amor e da Não-violência. “O homem aspira à paz, mas cultiva preocupações e ansiedades. Enquanto planta um pé de lima, deseja colher mangas... Isto é pura ignorância ou premeditada cegueira. E resultado de desorientação”, adverte em seu livro Sadhana, o caminho interior (1997, p.63).

Creio que os anéis da sensibilidade são esse resultado previsto por Sai Baba e desejado por tantos homens e mulheres com vontade para o bem. Sándor foi uma pessoa que trabalhou para pavimentar o caminho de muitos na direção da virada planetária para uma cultura de paz, verdade e amorosidade nos relacionamentos.

O trabalho gestado por Sándor nasceu na Europa conturbada pelas Grandes Guerras, desenvolvendo no Brasil suas técnicas avançadas. Penso que nossa terra, árvores, águas e clima, a gente brasileira tão rica e variada os estimularam bastante. Porque, em geral, o europeu quase não se toca. Passa perto e logo diz *sorry*. Quem gosta de uma pegada amorosa somos nós. O cafuné, o roçar os pés descalços, o aconchego, tudo isso é brasileiro demais. Sándor soube transformar o chamego em método terapêutico.

Seu método combina-se com a emergente consciência do Feminino na psique humana. A Calatonia combina o lado direito do cérebro com o esquerdo, permitindo o namoro dos hemisférios cerebrais que foi adiado por séculos de educação rigidamente lógica. Traz alimento para as almas famintas pela unificação com o corpo, com as bênçãos da inclusividade que comunica o Ego com o Self, centro unificador da psique.

Essa fome de contato verdadeiro com o Self também gera medo. Fui protagonista de um caso desses ao dar um treinamento do método calatônico em Berlim. Usei os toques e também sons de maracás brasileiros. Muitos reagiram com abertura interior, mas houve quem ficasse apavorado. Meu encontro com grupos em aulas, workshops e no consultório são meu percurso na troca do fio da navalha pelos anéis finos de sensibilidade. Os amigos, os pacientes e os alunos tecem comigo uma rede de conexões compartilhando cada descoberta. Precisei começar a escrever em 1997 porque senti saudades de Sándor. Agora, que já completei 30 anos de trabalho como psicoterapeuta, vejo que acontece uma sincronicidade interessante.

O aumento das publicações sobre o método calatônico também é valioso e necessário para evitar interpretações inadequadas, bem como qualquer aplicação inseqüente. Algumas seqüências de toques já foram aplicadas em diferentes locais do Brasil, e até do exterior, fora do contexto integral e das condições para as quais ele foi planejado.

Estava em Londres, por ocasião de um curso para profissionais de saúde e educação em 1980, no Instituto de Gerda Boyesen: na ocasião, apresentaram uma técnica vinda do Brasil via Austrália que mostrava exatamente os toques da calatonia (a seqüência básica nos pés), feitos fora de ordem, com olhos abertos e sob ordens para “relaxe relaxe”. Menção ao Dr. Sándor? Nem pensar. Davam aquilo como os “maravilhosos BTT (Brazilian toe touches)”, mais um folclore do país que já mexe bem com os pés, aliás, veja-se o futebol... O Caderno de Psicologia Biodinâmica v.3 (1983, p.6) mostra uma foto de Gerda aplicando o BTT.

Foi uma surpresa para Gerda Boyesen e para o grupo que naquele momento do anúncio da nova técnica em seu Instituto, estivesse presente uma pessoa treinada pelo próprio elaborador do método, tendo recentemente concluído um mestrado sobre o tema. Pediram-me que expusesse a origem da Calatonia e, também, demonstrasse os toques nos pés e na cabeça. Fiz o que pude, citei a fonte e demonstrei o procedimento que depois foi praticado em dupla por todos os participantes. Percebi que minha presença, ali, naquele dia e hora, pertencia a uma rede de conexões maior. Aquela sincronicidade me alertou para a necessidade de continuar a descrever a experiência valiosa, íntima e sutil que a Calatonia proporciona. E não parei mais.

“
Essa fome de
contato verdadeiro
com o Self também
gera medo.
”

“
A dualidade
é um arranjo
comum na vida
”

Encontrar a luz da relação sensível, intuitiva com o mundo, combinando-a com o julgamento racional é um fascinante desafio. É imprescindível criar a visão sistêmica da realidade, instaurando um novo nível de consciência da troca energética. Chega de divisão entre realidade objetiva externa e realidade subjetiva interior! O milênio que se inaugura pede a ousadia de criar as bases para um conhecimento de síntese que inclua os valores humanos éticos no cotidiano, uma atuação profissional que combine o onírico e o sagrado, o poético e o racional para formar o único tecido de interconexões que pode salvar a humanidade de um desastre.

Em seu Manifesto à Transdisciplinariedade, o físico romeno Basarab Nicolescu esbraveja com aqueles que tentam fazer um mero “compromisso” entre as dimensões subjetiva e objetiva na construção do conhecimento. Exorta a encontrarmos o ponto além das fixas posições “pró” e “contra”, troncos de duvidoso poder onde se encadeiam defensores de posições rígidas. O planeta exige a criação de alternativas sustentáveis em que “todas as coisas e todos os seres poderiam ter o seu próprio lugar” (1999, p.9). Um amplo projeto de educação transdisciplinar, atravessando os limites desgastados dos níveis de realidade atualmente admitidos é necessário para atingir-se o dom da inclusão. Basarab defende o princípio do “terceiro incluído” na promissora visão que mira a fusão dos opostos.

Sándor nos falava do “terceiro ponto”, um centro virtual que harmonizaria as duas pessoas colocadas pela situação terapêutica em planos de realidades opostos. Um como aquele que sabe e tem, o outro como o que não sabe e precisa ter. Um diferente do outro, ambos totalidades únicas. A aparente separação dos dois pode ser harmonizada se, ao menos um deles, coloca a consciência no terceiro ponto. Tal atitude viabiliza o fluxo de trocas para além da dualidade eu e tu. O exercício de concentração no “terceiro ponto” mudou a minha visão de mundo. Aprendi a colocar-me em sintonia fina com níveis superiores o que me facilitou compreender personalidades diametralmente opostas à minha. Isso é muito mais do que tolerância. Nem é paciência. É um dos momentos em que alcançamos conhecimentos superiores, como queria Steiner.

A dualidade é um arranjo comum na vida: homem/mulher, mãe/criança, professor/aluno, ou ainda: terapeuta/paciente, patrão/empregado, chefe/governados; além dos valores bem/mal, certo/errado, agradável/desagradável e assim por diante. Como Basarab, Sándor propôs que atuássemos por meio da inclusividade. Acreditou que a luta entre os opostos tem saída, chamemo-la de terceiro incluído, terceiro ponto, ou de compaixão.

A análise racional exclui, a inclusão é filha da amorosidade e da compaixão. É onde sei que a Calatonia pode ajudar. Mas é preciso incluir a análise racional nos nossos métodos de avaliação e de tratamento. Há alguns anos encontrei uma referência na *Science* com informações novas sobre os campos magnéticos do cérebro humano. Os experimentos que foram realizados por Brenner, Lipton, Kaufman e Williamson, (1978, p.81-83) cientistas dos departamentos de física e psicologia da Universidade de Nova Iorque, me levam a supor que exista uma condição neurológica específica atuante nas respostas aos toques calatônicos. Analisar os toques calatônicos sob o ângulo de repostas eletromagnéticas pode conduzir a resultados interessantes para compreender o alcance do método de Sándor.

De acordo com essa pesquisa, o cérebro produz um campo magnético próximo da superfície do crânio que varia sincronicamente com a estimulação elétrica periódica aplicada aos dedos das mãos. O campo magnético evocado se encontra bem localizado sobre a área de projeção somática primária, neste caso na região do córtex sensorial no hemisfério contralateral ao dedo estimulado. As obser-

vações baseadas nas técnicas neuromagnéticas abrem um campo de possíveis questões, tais como – estamos induzindo alterações eletromagnéticas no cérebro durante os toques nos dedos dos pés? Longe dos laboratórios das universidades, é difícil encontrar respostas compatíveis com o método científico. Mas, acredito que chegará um tempo em que poderemos realizar novas pesquisas interdisciplinares com equipamentos de ponta em associação aos toques sutis. De minha parte, estou convencida de que uma pessoa tocada na pele de maneira suave e monótona, como na Calatonia, é tocada por inteiro. Faço do meu consultório um laboratório, um trabalho sagrado onde cada experiência é um símbolo. Seja um sintoma, uma tosse, ou uma imagem relatada pela pessoa ou uma imagem que eu tive durante a aplicação, talvez minha tosse, ou sonolência, vejo como um símbolo significativo da relação que está criada ali, durante a aplicação do método. Perceber a tosse como sinal de faringite não invalida que ela seja também intuída como expressão da pessoa inteira, como um símbolo importante naquele momento.

POR QUE E PARA QUE TOCAR SUAVEMENTE?

O mistério se faz presente, mesmo que não seja evocado. Lembro de um paciente engenheiro e professor livre-docente na USP. Um respeitado senhor de quase 60 anos que veio procurar-me a pedidos médicos para que encontrasse conforto e compreensão em seu calvário de frustrações. Adquiriu uma doença degenerativa na coluna e estava perdendo os movimentos, primeiro no lado esquerdo, mas já iniciando no direito. Sua grande dor nem era ter de aposentar-se da universidade sem alcançar o grau máximo da carreira. Ele sofria mais por não poder mais tocar violino nem reger a banda de sua cidade natal, como fazia antes por mais de 30 anos. Chorando como criança, este homem deitava-se para a Calatonia e levantava mais aliviado das dores da alma. Pedi que investisse mais na fisioterapia e ele concedeu mais tempo para recuperar a musculatura perdida, e assim começou a animar-se para fazer o concurso para professor titular em seu departamento. Quando ele se preparava para esta façanha heróica (tinha de gravar seu texto para que outra pessoa o digitasse) percebeu que não conseguiria fazer a prova escrita necessária para alcançar aprovação. Tivemos algumas sessões de grande intensidade emocional e ele relaxou um pouco mais quando aprendeu a projetar-se na imaginação ativa. Escutando as suas músicas prediletas ele imaginava-se regendo, e sentia-se feliz, alegre em companhia dos amigos de tantos anos.

Durante uma sessão de toques com a técnica básica (nos pés) eu senti um cheiro estranho na sala. Parecia coisa queimando, ou melhor, ferro queimando. Pesquisei na memória, mas meu consultório não tinha fogão nem ferro elétrico. Nenhum aparelho estava ligado. Então eu cedi ao poder daquela percepção e penetrei no mistério. Uma imagem nasceu em mim, mostrando um grande forno que produzia uma atmosfera quase asfixiante com aquele cheiro de metal em brasa. Tive certeza de que a imagem correspondia a um conteúdo do meu paciente que eu apreendia de alguma forma pela coligação das minhas mãos aos seus pés. Uma memória do seu campo eletromagnético me era concedida, ou cedida por segundos, para ser utilizada terapeuticamente.

Quando ele levantou, eu pedi mais detalhes do seu trabalho na Companhia Siderúrgica Nacional onde tinha ficado por quase 25 anos. Ele começou a falar e o cheiro veio de novo. Eu perguntei sobre a atmosfera do local e se havia algum cheiro peculiar. Ele fez uma pausa e me olhou com tristeza: havia um cheiro horrível de metal que penetrava em tudo, em sua sala envidraçada, em seu corpo, e não saía com o banho. Vinha das fornalhas do local onde precisava ficar, porque tinha a função de supervisor daquela seção. A tristeza expressava a percepção interior que sempre teve de que aquele vapor inalado continuamente era agressivo

“
um trabalho
sagrado onde
cada experiência
é um símbolo.
”

“
Cada aprendiz
determina o quanto
vai receber
”

demais para a saúde. Porque meu paciente era uma pessoa musical, sensível, não dado a impulsos agressivos, ele não gritava nem se lamentava, apenas ficava triste. E continuava trabalhando no mesmo lugar. Compartilhamos a intuição de que aquele vapor fétido estava na origem do problema neurológico que o acometera. O que mudou com essa percepção? Parte de sua mente precisava ter uma confirmação da causa física mais provável para sua doença e com aquela intuição ele ficou mais aliviado. Reagiu à tristeza com uma iniciativa promissora. Foi à direção do seu instituto e pediu uma forma alternativa para que pudesse realizar a prova escrita para a docência, uma vez que não agüentaria escrever durante as mais de quatro horas que costumam durar esses concursos. Falou com tanta segurança e altivez que conseguiu uma exceção. Fizeram uma prova oral em lugar da escrita e ele viu-se aprovado nesta, bem como nas outras quatro provas. Tornou-se professor titular. Em sua terra natal, os amigos e a banda o homenagearam. Os primeiros, com uma festa e os músicos, com um concerto. Meu paciente sentou-se junto ao seu discípulo e amigo que regia a banda. Ficou de frente para os músicos que tocavam para ele e regeu mentalmente cada nota, sentiu cada momento com toda a beleza do seu espírito, enquanto as lágrimas de felicidade lavavam seu rosto, segundo suas palavras.

A HERANÇA

Neste momento de expansão do legado de Sándor, é oportuno lembrar a postura profissional por ele adotada, que não pretendia alcançar grandes grupos, mas formar uma frente de trabalho. A preferência pelo contato direto nos treinamentos, o seu hábito de rejeitar os pedidos de entrevistas para a mídia e a seleta divulgação dos seus escritos também merecem consideração. Ele pretendia ensinar para quem pudesse aproveitar com equilíbrio, sem ostentação. Sándor tinha se vacinado contra o desejo de poder por meio de experiências diretas, nos campos de refugiados da Europa.

Sándor pertence ao grupo dos mestres orais da humanidade. São imunes ao apelo da publicidade, preferem trabalhar com pequenos grupos, transmitindo pessoalmente. Cada aprendiz determina o quanto vai receber, não porque pede mais ou paga mais. Cada passo adiante na transmissão e na pesquisa do acervo que Sándor deixou precisa inserir-se na linha mestra do seu estilo: discreto, coerente, sem promessas, autêntico, sério. Ele nos ensinou a cuidar do contato humano com renovada paciência e perseverança, mesmo diante da incompreensão.

Creio que assim fazendo daremos motivos para deixá-lo satisfeito com o jardim de rosas que plantou entre nós.

“Temos de cuidar, até diariamente, para eliminar certas formas de pensamentos que atraem configurações não harmoniosas de forças às quais estamos constantemente expostos. Este deve ser o caso especialmente agora, quando constantemente podemos ter notícias sobre o rebaixamento do nível da civilização, da fé e da consciência humanitária dos povos, que passam por desmoronamentos e esfacelamentos exteriores e interiores. No entanto, ao mesmo tempo, podemos também perceber a atuação da Nova Força, no início desmontando o obsoleto. Por isso é necessário andar, tanto em termos de uma escala maior como de escalas menores, com idéias e sentimentos equilibrados e orientados pela Lei Superior.”

(SÁNDOR, 1992, p.1) 

Referências Bibliográficas

BASARAB, N. *O manifesto da transdisciplinariedade*. São Paulo: Ed. Triom, 1999.
BOYENSEN, G. “A personalidade primária”. *Cadernos de psicologia biodinâmica*, v. 3; São Paulo: Ed. Summus, 1983, p.6 – 12.
SAI BABA. *Sadhana, o caminho interior*. 8ª. ed. Trad. José Hermógenes Rio de Janeiro: Ed. Record/Nova Era, 2002.
SÁNDOR, P. *Plenilúnio, fevereiro de 1992*. (material divulgado nos grupos de estudos).
STEINER, R. *O conhecimento dos mundos superiores*. A iniciação. 5ª. ed. São Paulo: Ed. Antroposófica, 2002.